

Simbad, o Marujo

POR *Alaide Lisboa*

ILUSTRAÇÕES DE *Angelo Abu*



Simbad, o marujo, percorreu todos os mares, enfrentou perigos, avistou maravilhas, conheceu terras extraordinárias, escapou com vida – e muita riqueza – de naufrágios, piratas, baleias e imensos pássaros.

Por muito tempo essa história foi considerada como uma das mais encantadoras de *As mil e uma noites*, escritos de autoria anônima que reúnem relatos milenares da cultura árabe, persa, síria e até mesmo hindu, que trazem também a famosa história de Ali Babá e os quarenta ladrões, gênios, califas e da princesa Sherazade. Essa certeza hoje não é compartilhada por todos os críticos. O que se sabe é que essa narrativa data do século X.

Cansado da vida monótona, Simbad se lança ao mar e solta as velas, sob a proteção de Alá. Faz ao todo sete viagens, que o transformam completamente: o pobre e inquieto mercador se torna um homem de grandes posses e riqueza.

Um dos sentidos dessa história está na própria aventura humana, em se lançar ao mundo e, ao conhecer outras culturas, reconhecer a sua própria e a si mesmo.

Como bem diz Alaíde Lisboa, que embrenhou-se sempre na releitura e reescrita de obras clássicas para a juventude, nessa história “o tímido se realiza nos lances audaciosos, o arrojado encontra possibilidades de emprego de suas energias na resistência contra a adversidade e o ardiloso se compraz nas maquinações e recursos astuciosos do marujo”.

Para mostrar que essa história de mais de mil anos continua viva e atual, o ilustrador Angelo Abu, mineiro como Alaíde, registrou em imagens a aventura de Simbad e a sua própria, que teve início recentemente com a busca de suas origens no mundo oriental.

Simbad, o Marujo

POR

Aloíde Lisboa

ILUSTRAÇÕES DE

Angelo Abu



Ao leitor:

A história de Simbad, o Marujo, rica de sugestões, ideias, aventuras, consegue criar e recriar, no espírito do leitor, lembranças e fantasias que se intensificam e se estendem milagrosamente.

Simbad agita a imaginação das crianças com situações imprevisíveis, em que as emoções de perigo, luta e vitória se misturam, proporcionando horas de prazer que os anos não apagam.

Os jovens se identificam com o herói que não conhece derrota e a quem os obstáculos se apresentam para valorizar o desfecho feliz. O tímido se realiza nos lances audaciosos; o arrojado encontra possibilidades de emprego de suas energias na resistência contra a adversidade; o ardiloso se compraz nas maquinações e recursos astuciosos do Marujo...

Os adultos, Simbad leva à meditação. A simplicidade poética da narração comove. O sentido humano, não simplesmente oriental, das pessoas, dos fatos, das observações, surpreende, sobretudo se pensarmos que a história data do décimo século, segundo os estudos do assunto. No século XXI, aqui estamos, familiarizados com aqueles mesmos sentimentos, revoltas, incertezas, generosidade, honestidade, astúcia...

Como parece atual o problema do pobre carregador que argúe o seu Deus – embora reconheça a falta de direito de um mortal pedir explicação ao Criador: “Por que, se todos temos nascimento tão igual, Simbad é rico e poderoso, e eu, pobre e infeliz?” A resposta à pergunta justifica toda a história. O rico procura fazer-se compreendido pelo pobre.

Certas delicadezas, que surgem aqui e ali, fazem pensar nas boas almas que já andavam pelo mundo há tantos séculos. Soberanos recusam presentes em retribuição aos favores que dispensam. Um simples caçador de diamantes dá lição de dignidade quando escolhe o mais modesto diamante no lote que Simbad lhe oferece. Conforta a honestidade do capitão de navio que anda vários anos com a carga pertencente a um mercador considerado morto, na esperança de encontrar os herdeiros.

As viagens se sucedem, e o mundo da fantasia se mistura ao da realidade – um realça o outro.

A.L.





SUMÁRIO

Primeira viagem	20
Segunda viagem	32
Terceira viagem	44
Quarta viagem	60
Quinta viagem	76
Sexta viagem	86
Sétima viagem	98
Sobre Angelo Abu.....	108
Sobre Alaíde Lisboa	109



No tempo em que reinava o califa Harun al Raschid, havia em Bagdá um carregador chamado Himbad.

Um dia, levava ele seus fardos de um lado da cidade para outro. O calor e o peso do trabalho esgotavam-lhe as forças. Já mal governava os passos quando chegou à esquina de uma rua onde sentiu que soprava uma suave brisa. Do chão úmido evolava-se um perfume de água de rosas.

Himbad falou consigo mesmo: “Serviço para fazer ainda tenho muito; entretanto, para repousar e refazer as minhas energias, não encontrarei ar mais favorável nem lugar mais agradável do que este”.

Assim pensando, descarregou o fardo, que ajeitou no chão, e assentou-se à sombra de uma grande casa. Reparando um pouco, notou que escolhera, para seu descanso, um bom lugar. Suas narinas começaram a impregnar-se de um esquisito perfume de aloés; percebeu que vinha do interior da casa e que se misturava com o perfume de água de rosas, que era da rua; chegava-lhe até os ouvidos, passando através das janelas, um suave concerto de instrumentos como alaúdes e cítaras, acompanhados de um canto harmonioso de rouxinóis, bem como de outros pássaros, dos muitos que se comprazem do

clima de Bagdá.

Aquele perfume, aquelas melodias e mais um cheiro excitante de carne assada fizeram Himbad pensar que devia estar havendo festa em morada assim tão rica. Ficou cheio de curiosidade de saber quem ali residia. Era justificada sua ignorância, porque bem poucas vezes passara por aquela rua.

Um tanto refeito das suas forças, Himbad levantou-se e caminhou até a entrada do palácio. Ficou deslumbrado com a beleza do jardim; viu alguns lacaios magnificamente vestidos; aproximou-se de um deles e perguntou:

— Como se chama o senhor de tão belo palácio?

O laçaiio respondeu, surpreendido:

— Será possível que alguém ignore, em Bagdá, que este é o palácio de Simbad, o Marujo? Simbad, o famoso viajor que percorreu todos os mares que o sol aclara?

O carregador efetivamente já ouvira falar em Simbad e sua fabulosa fortuna; e agora, vendo e lembrando, sentia, profundo, o contraste entre a situação mesquinha de um simples carregador e a situação faustosa de Simbad; encheu-se de inveja e começou a exclamar, olhando para cima:

— Poderoso Criador de todas as coisas, ponderai na diferença entre mim e Simbad: eu sofro todos os dias os meus cansaços; suporto mil males, luto para me manter e manter minha família, com simples pão de cevada; enquanto isso, tem Simbad riquezas à vontade e vive uma vida cheia de delícias!

Logo em seguida, pesaroso de sua inveja, continuou:

— Glorifico-vos, Senhor, pois sois a Providência do mundo e tudo dais, prodigamente, a quem entendeis!

Perdoai os meus pecados e a minha revolta! Respeito, como toda gente, as vossas decisões, curvo-me ante Vós, por serdes quem sois, Todo-Poderoso; a ninguém assiste o direito de Vos interrogar sobre o que fazeis... mas, Senhor, esse Simbad teve o mesmo nascimento de todos os seres humanos! Respondei-me, pois: Como explicar que ele goze de tantos prazeres e que eu, pobre de mim, tenha de suportar um tão duro labor? Que fez ele para obter destino tão agradável? E eu, que fiz para obter vida tão infeliz?

Terminando sua imprecação, bateu Himbad com os pés na terra, em sinal de dor e desespero. Sentia-se abafado, cheio dos seus tristes pensamentos; já se ia abaixando, a fim de tomar seu fardo e continuar sua jornada, quando um lacaios lhe tocou de leve no braço e lhe fez um convite:

— Vem; segue-me; o senhor Simbad, meu amo, quer falar-te.

Como era natural, o carregador ficou assustado; depois do discurso que fizera, podia temer que Simbad pretendesse castigá-lo; deu então desculpa, não podia entrar porque era responsável pela carga que trouxera; receava deixá-la abandonada na rua...

O lacaios de Simbad garantiu-lhe que tomariam conta da carga; insistiu no convite; mostrou tanto empenho em cumprir a ordem que Himbad não teve outro remédio senão aquiescer.

E foi assim que o lacaios de Simbad introduziu o carregador Himbad numa sala onde muita gente se assentava em torno de uma mesa cheia de frutos secos e frescos e de iguarias das mais estranhas e esquisitas. Flores e plantas exóticas ornavam todo o recinto. Havia jovens tocando e cantando. O lugar de honra, à mesa, era ocupado por

um personagem grave e sereno, cujas brancas barbas lhe davam um aspecto venerável; não longe dele, de pé, atento à menor ordem, um numeroso grupo de serviçais. O personagem grave e sereno era Simbad.

O carregador, perturbado com a presença de tanta gente e tão soberbo festim, saudou a todos, confuso e trêmulo; ajoelhado, beijou o chão; depois, levantou os olhos, timidamente, para o grande senhor daquela festa.

Simbad fez um sinal e o carregador aproximou-se; Simbad assentou-o à sua direita e perguntou-lhe:

— Como te chamas?

O carregador respondeu-lhe:

— Himbad, o carregador.

Sorridente, retorquiu o dono da casa:

— Fica sabendo que teu nome é parecido com o meu, pois me chamo Simbad, o Marujo.

E enquanto corria a festa, Simbad, pessoalmente, servia ao carregador manjares e vinhos excelentes. E dizia-lhe:

— Sei que te chamas Himbad, querido irmão (era costume árabe tratar por “irmão” quem se tornava familiar); também sei que és carregador; tenho o prazer em ver-te e estar na tua companhia; deste prazer partilham os meus convivas; mas gostaria de ouvir de tua própria boca as palavras que há pouco proferiste, lá na rua.

(Simbad, antes de assentar-se à mesa, ouvira, pela janela, o que o carregador dissera e, por isso, o mandara chamar.)

O pedido de Simbad desapontou o pobre carregador, que, todo atrapalhado, respondeu:

— Senhor, confesso que a fome, o calor e o cansaço me puseram de mau humor; foi por isso que deixei escapar algumas palavras indiscretas; agora vos peço perdão.

— Oh! não creias que eu seja tão injusto a ponto de guardar mágoa do que lá fora disseste. Ponho-me em teu lugar; em vez de censurar, lamento as tuas murmurações; entretanto, é preciso que eu esclareça teu juízo a meu respeito; pediste a Deus que te explicasse a razão de minha riqueza; a história que te vou contar talvez justifique, a teus olhos, o fausto em que vivo; não penses que adquiri sem trabalhos, nem lutas, nem sofrimentos a fortuna, a comodidade e o descanso que hoje tenho; cheguei onde estou depois de sofrer durante muitos anos; foram trabalhos do corpo e do espírito que nem a imaginação mais forte pode imaginar.

— Sim, senhores — continuou Simbad, falando a todos os convivas —, posso garantir-vos que os meus trabalhos e penares foram tantos e tão extraordinários que são capazes de arrancar, do coração dos homens, ainda os mais ávidos, a fatal ambição de correr mares em busca de riqueza. Já ouvistes falar, confusamente, das minhas estranhas aventuras e dos perigos que corri no mar, durante as sete viagens que fiz; hoje, apresenta-se uma bela oportunidade de vos contar, a todos vós, as minhas sete viagens; não vos arrependereis de ouvir-me, porquanto há nelas, além de seus aspectos maravilhosos, uma lição de audácia e uma lição de fé no destino do homem.

(Especialmente por causa do carregador é que Simbad ia fazer as suas narrações; por isso, antes de começar, mandou

que os lacaios levassem ao seu destino os fardos de Himbad. Foi então que Simbad, chamado o Marujo, começou a contar.)







Primeira viagem



Simbad, o Marujo, começou a contar sua primeira viagem:

“Herdei de minha família riquezas consideráveis; gastei grande parte em festas, prazeres e locuras de uma mocidade mal orientada; alguma lucidez, porém, ficara em meu espírito – uma recordação de conselhos paternos. Venci minha cegueira, considerando a vida desperdiçada que levava até então; compreendi que a riqueza se esgota depressa, quando é mal empregada; compreendi também que, naquela vida desgovernada, eu perdi o tempo – que é a mais preciosa coisa do mundo.

Considerando que a mais miserável de todas as misérias é a da velhice sem amparo, lembrei-me das palavras do grande Salomão, que meu pai repetia: ‘Antes o túmulo do que a miséria’; outras judiciosas sentenças me ocorriam: ‘Não se escalam alturas sem fadigas’; ‘O que aspira à nomeada não deve dormir prolongadamente’; ‘Aquele que busca pérolas deve mergulhar nas profundezas das águas’.

Tocado por todas essas reflexões e muitas outras, juntei o que sobrava do meu patrimônio e vendi, em Ceilão, no mercado, tudo o que tinha de móveis; com uma parte

do produto, comprei as coisas necessárias a uma viagem comercial; fiz sociedade com alguns mercadores que negociavam por mar.

Resolvido a tirar bom proveito do pouco dinheiro que me restava, consultei aquelas pessoas que me pareceram mais capazes de dar bons conselhos e tomei pressa em executar as resoluções que adotava.

Segui o caminho de Bassora (Bassora é um porto que fica na confluência do Tigre e do Eufrates, fundada em 636, por ordem de Omar, o terceiro califa). Embarquei, juntamente com diversos mercadores, em um navio que equipáramos; fizemo-nos de vela rumo às Índias Orientais, pelo golfo Pérsico, cercado à direita pela Arábia Feliz e pela Pérsia à esquerda; dali saímos no mar Oriental ou mar das Índias, deixando a oeste as terras da Abissínia e seguindo-o, através das 4500 léguas que vão até as ilhas de Vaquevaque.

No começo da jornada, senti aqueles enjoos comuns das viagens marítimas; restabelecido em pouco tempo, e afeito ao balouço das ondas, nunca mais me tomou aquele mal-estar.

Íamos aportando em diversas ilhas, nelas vendendo e trocando mercadorias.

De uma feita, com velas desfraldadas, mas imóveis devido à calmaria, vimos à nossa frente uma ilhazinha, quase à flor d'água, semelhante a uma campina de verdura. O capitão mandou arriar as velas e deu licença de descer aos tripulantes; alguns desceram; estava eu no meio deles.

Enquanto nos divertíamos, comendo e bebendo, alegres por nos restaurarmos das fadigas do mar, eis que a ilha

tremeu de repente, agitando-nos como um terremoto. Lá do navio, olhando a ilha tremer, os companheiros gritaram:

— Reembarquem depressa! Senão, morrem todos!

O que tomáramos por uma ilha era, nada mais, nada menos, o enorme dorso de uma baleia coberto de terra onde brotavam plantas! Com a inquietação de nossos passos e com o fogo que acendêramos, o animal, despertando e sacudindo-se, produzia-nos o efeito de um terremoto. Os mais diligentes alcançaram o bote em que tinham ido; outros atiraram-se, nadando, ao mar. Eu ainda estava na ilha – ou melhor, na baleia – quando ela submergiu; mal tive tempo de me agarrar a uma tábua das que leváramos para fazer fogo.

Enquanto isso, o capitão ia recolhendo os que chegavam, ou no bote ou nadando; depois, como soprasse um vento fresco e favorável, então o aproveitou, desfraldando as velas e partindo. Perdi toda a esperança de alcançar o navio; afastava-se cada vez mais, à vista de meus olhos e de meu coração, cheios de angústia.

Fiquei à mercê das ondas, atirado para lá e para cá; disputei-lhes a minha vida por todo o resto daquele dia e por toda a noite; pela manhã, as minhas forças estavam esmorecidas; eu já considerava a morte inevitável; de repente, uma onda larga e forte me atirou contra uma ilha. Era uma ilha de bordas altas e escarpadas, mas encontrei jeito de alcançar terra segura, quando me agarrei a umas raízes de árvores. Talvez estivessem ali para me salvar a vida!

Estirei-me no solo, quase morto; perdi toda a consciência e dormi; dormi até que o sol, após uma tarde e





uma noite de sono profundo, novamente me restituiu a posse dos meus sentidos.

Embora me sentisse muito fraco, fui arrastando-me daqui e dali, à procura de alimento. Encontrei alguns frutos e algumas ervas, acabando por deparar com uma fonte de água excelente.

Tendo comido e bebido, então me senti outro, e comecei a penetrar na ilha, seguindo caminho sem rumo certo. Cheguei a uma bela planície, onde vi, ao longe, um cavalo pastando. Caminhei na direção do animal, oscilando meu coração entre a alegria e o receio. Não sabia se me aguardava a segurança ou, pelo contrário, algum novo perigo. E se fosse um perigo de vida?

Chegando perto, verifiquei que o cavalo era uma égua, amarrada a uma estaca. Era de uma beleza surpreendente. Experimentei acariciar-lhe, com a mão, o dorso luzidio; o animal relinchou, estridente, assustando-me. Daí a pouco, estava diante de mim um homem que se espantou de me ver, perguntando-me quem era, de onde vinha e o que fazia ali.

Contei-lhe a minha aventura; depois de me ouvir, ele conduziu-me a uma gruta onde havia outros homens; ficaram tão espantados com a minha presença como com a deles ficara eu. Ali me fizeram sentar e me deram de comer. E eu lhes perguntei:

— Que fazeis num lugar que me parece, assim, tão deserto?

Eles, prontamente, responderam:

— Somos palafreiros do rei Miraje, senhor de terras, inclusive desta ilha; todos os anos, na estação conveniente, trazemos as éguas do palácio para casarem com os

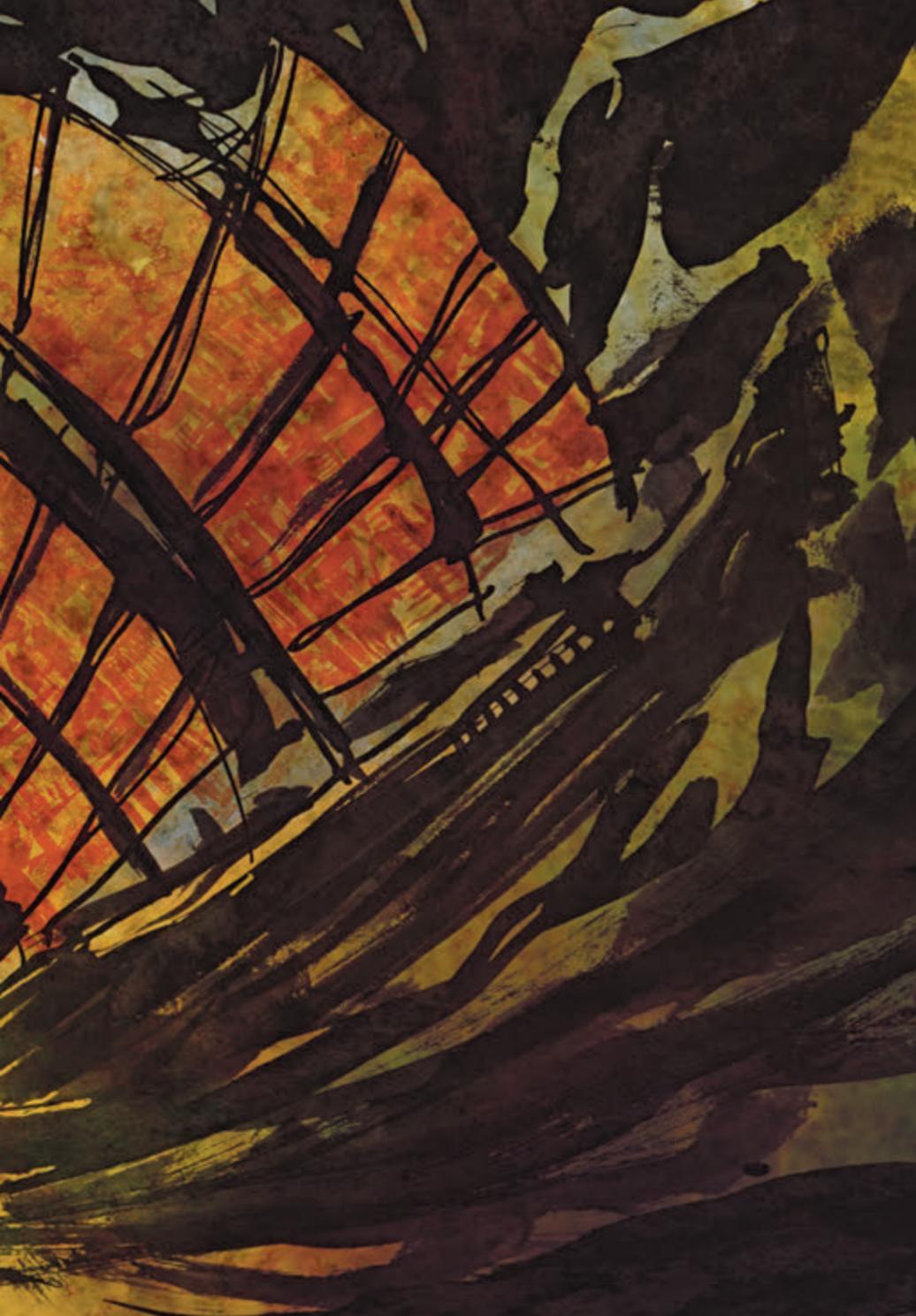
garanhões do mar; os filhos de tal cruzamento são cavalos-marinhos, animais raros e muito apreciados na corte do rei Miraje. Acrescentaram os palafreneiros do rei que iam partir no dia seguinte e que eu teria de morrer na ilha, se houvesse chegado um dia mais tarde, pois seria impossível, sem guia, que eu atingisse as habitações, tão distantes ficavam.

Tive ensejo de contemplar a selvagem beleza dos garanhões do mar, elásticos nos seus movimentos ondulantes, e ouvir-lhes o forte relinchar, na praia. No dia seguinte partimos em viagem para a capital do reino de Miraje.

Chegados à corte, fui apresentado ao rei, que me recebeu cordialmente; ouviu, interessado, minha história e lamentou as desventuras que eu passara; ordenou que cuidassem de mim e me dessem tudo de que eu carecia. Confesso que as ordens foram tão bem executadas que louvei a generosidade do rei e a diligência de seus ministros em cumprir as determinações do soberano.

Eu era mercador e me empenhava em procurar pessoas de minha profissão; especialmente me interessavam os que fossem estrangeiros; queria obter deles notícias de Bagdá; quem sabe mesmo se algum não me poderia levar de volta.

Situada à beira-mar, a capital do rei Miraje tem um belo porto, onde se movem, diariamente, navios de todas as partes do mundo. Andava eu sempre a interrogar os estrangeiros, na esperança de encontrar um jeito de regressar à pátria. Corria o tempo e minha nostalgia aumentava. Tinha a impressão de que se tornava cada vez menos possível o fim do meu exílio. Buscava então distrair-me, com proveito de meus dias. Foi assim que procurei a companhia dos sábios das Índias; era um prazer conversar com eles; ouvia, atento, a história daquelas terras, daquele povo, daquelas castas.



ISBN: 978-8575962206

